

100 ANOS DA UFRJ E 60 ANOS DE ORGANIZAÇÃO E LUTA: UM PAPO CABEÇA COM ARNALDO GONÇALVES BANDEIRA

Francisco de Assis dos Santos¹



Francisco de Assis (de máscara) entrevistando Arnaldo Bandeira.
Acervo pessoal do entrevistador.

Em comemoração aos 100 anos da nossa UFRJ, onde trabalho desde 1988, resolvemos resgatar a memória da nossa comunidade universitária, em particular da nossa própria categoria, para podermos manter a luta pela valorização da importância do nosso fazer institucional. E com este espírito aguerrido de que somos parte dessa importante e rica história em todas as cenas universitárias no fazer institucional, seja ela uma limpeza e capina do campus universitário ao médico cirurgião do nosso hospital, resolvemos resgatar a memória da evolução do nosso processo organizativo e representativo de categoria. Pois foi através da luta coletiva que obtivemos mudanças importantes na gestão da Universidade. Se nas primeiras quatro décadas de existência da UFRJ fomos considerados apenas como serviçais da cátedra e/ou um mero coadjuvante do docente, foi a partir de 1960 que iniciamos um processo incipiente de

¹ Técnico Administrativo em Educação na Secretaria Acadêmica do Instituto de Biologia/UFRJ. Aluno de Pós-Graduação em Gestão Pública pelo IPPUR/UFRJ. Ex-coordenador Geral do SINTUFRJ (gestões 2006/2010-2013/2017).

organização e representação que nos levou a fundar a ASUFRJ que nasce como um instrumento meramente assistencialista, mas foi a partir dessa organização e da necessidade de se inserir nas transformações sociais do nosso país que os trabalhadores resolveram mudar o viés assistencialista para uma linha mais reivindicatória e construíram a primeira greve nacional com a “Declaração de Belo Horizonte” em 1982 (Revista Memorial 30 anos – Linha do Tempo FASUBRA SINDICAL). E neste processo evolutivo de organização veio a se transformar em entidade sindical no ano de 1993.

Neste cenário, de olhos voltados para a importância da organização dos trabalhadores e de que eles são parte fundamental nas mudanças no processo da gestão pública universitária, a exemplo da própria criação da revista PGPU, resolvemos entrevistar o Trabalhador Técnico Administrativo em Educação **Arnaldo Gonçalves Bandeira** que iniciou sua vivência na instituição ainda adolescente como engraxate e posteriormente veio a ser contratado na UFRJ em 1956. Ao completar seus requisitos em 1990, resolveu se aposentar preocupado com as mudanças no serviço público que foram anunciadas pelo então governo Fernando Collor de Mello. No entanto, mesmo aposentado e com sua dificuldade de locomoção, oriundo de uma paralisia infantil, foi presente e atuante no processo organizativo da nossa entidade ASUFRJ/SINTUFRJ e não largou o convívio universitário e atividades convocadas pelo sindicato. Sua experiência de já ter participado da comissão de enquadramento em 1987 com a conquista do PUCRECE o credenciou para atuar na comissão de enquadramento em 2005, fruto da conquista do nosso PCCTAE. E na sequência foi eleito como integrante da primeira CIS (Comissão Interna de Supervisão da carreira) que teve o objetivo de supervisionar a implantação das fases deste novo plano de carreira. Entre 2015-2017 integrou o departamento de memória sindical do SINTUFRJ juntamente com outros três colegas aposentados: Djalma de Souza Cabral e os já falecidos Manuel Dantas de Oliveira e Elliu dos Santos. E com a colaboração de trabalhadores da entidade e de outros colegas da UFRJ publicaram a revista *Projeto Memória “uma narrativa de lutas, conquistas e resistência”* como pretensão do primeiro passo para criar definitivamente um Departamento de documentação e memória sindical do SINTUFRJ/ASUFRJ como política de categoria e não de direção. Portanto, sendo um dos integrantes mais antigos ainda em atividade sindical, foi considerado um arquivo oral muito importante para nosso resgate histórico sobre o surgimento da nossa entidade organizativa, bem como de vivência das diferentes mudanças ao longo desses 60 anos. E nessa

comemoração dos 100 anos da UFRJ essa história de Organização, luta e resistência merece ser contada.

1- Arnaldo, para começar nosso papo cabeça, gostaria que você contasse um pouco da sua trajetória profissional?

Meu nome é Arnaldo Gonçalves Bandeira, meu primeiro contato com a UFRJ ainda foi como adolescente quando engraxava sapatos no prédio da Arquitetura. Depois com a criação da Prefeitura no Fundão fui chamado para ser auxiliar de escritório, prestador de serviço por meio da verba 3131 (verba própria da universidade) a partir de 1956. Cheguei a ser Chefe da Seção Limpeza Urbana e Capina, substituí o diretor da divisão de conservação e cheguei a assumir por uma semana a substituição do Prefeito. Integrei a comissão de enquadramento do PUCRECE que era conhecido como plano da isonomia. E para fugir dos ataques do Governo Fernando Collor resolvi me aposentar em 1990. Continuei presente nas atividades do movimento com forte atuação no movimento sindical e a experiência de outro enquadramento possibilitou minha escolha numa assembleia para ser integrante da comissão de enquadramento no PCCTAE em 2005 e ao final dos trabalhos fui eleito como integrante da primeira CIS (Comissão Interna de Supervisão da carreira). Recentemente, tive a oportunidade de participar do GT-Aposentados do SINTUFRJ criado em 2015 e em 2017 integrei uma comissão de criação de um projeto de memória da entidade juntamente com meu amigo de muitas lutas Manuel Dantas e os demais colegas Elliu e Djalma. E o resultado desse trabalho foi à publicação de uma revista denominada Projeto Memória “Uma Narrativa de Lutas, conquistas e Resistência.”

2- Como e porque surgiu a ASUFRJ?

Naquele tempo o reitor era o Pedro Calmon. Um homem muito justo e por isso colegas o procuravam no Gabinete para apresentar suas demandas de trabalho e salariais. Não existia nada de organização e a cátedra tinha forte influência das decisões. Certo dia o Gabinete do Reitor ficou com vários colegas falando tudo ao mesmo tempo sobre suas demandas e foi daí que o Reitor aconselhou que o grupo retirasse um representante para discutir com ele as demandas que poderiam ser acertadas previamente entre o grupo. E o grupo entendeu que naquele momento era bom indicar alguém que tivesse contado direto com o Reitor e o primeiro

representante escolhido foi o Severino que além ser um cara extrovertido e bom de papo era o motorista do Reitor.

3- Quais atrativos eram apresentados para que a categoria pudesse ser associada?

No início era uma coisa muito pequena, sem prever o futuro, e não chegava a 50 pessoas. E para ampliar o quadro de associados era oferecido incentivo aos sócios que traziam novos colegas para associação. Associação essa que não tinha quase caixa algum para ajudar a categoria e com a influência do nosso representante ligado ao setor de transporte usava o caminhão da própria universidade para ajudar os colegas fazendo transporte de mudança, o que beneficiou muito os colegas da Vila Residencial.

4- Você foi filiado desde a fundação?

Não cheguei a ser filiado na fundação, pois era engraxate e só depois que fui contratado é que busquei minha filiação em 1962.

5- E aonde foi a primeira sede da entidade?

Inicialmente ela se estabeleceu em uma sala que era dos correios na Praia Vermelha. E com a mudança de alguns prédios e atividades para a Ilha do Fundão, o escritório da Associação foi montada na garagem do Escritório Técnico da Universidade (ETU). Era lá que fazíamos as reuniões, mas sempre com muito cuidado.

6- Que vivência histórica relacionada às perseguições do Governo ditatorial ao corpo social você viu de perto dentro da UFRJ?

Dois fatos que vivi de perto e que me marcaram bastante sobre as perseguições da ditadura contra nossa comunidade dentro da universidade ocorreram no antigo prédio do Alojamento, atual prédio do Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (COPPEAD). O primeiro fato foi quando tomamos conhecimento de que o DOPS circulava na universidade procurando as lideranças do movimento estudantil. O Wladimir Palmeira estava neste momento

conversando com a turma na portaria e foi um corre-corre. Rapidamente demos um jeitinho de esconder ele na caixa d'água do prédio da COPPEAD. E para evitar seu afogamento tive que ficar de vigia das 9h até às 14h ligando a bomba d'água para esvaziar a caixa. Foi um momento muito tenso e fiquei muito preocupado. Outro fato marcante neste período de perseguição aos nossos estudantes ocorreu quando soube em uma conversa com amigos que o DOPS circulava na universidade procurando localizar endereços de alguns estudantes, dentre eles o de Mário Prata. E como eu era responsável pelo fichário dos que residiam no alojamento e que continham estes dados, dei um jeito de arrumar uma carona e corri para o meu local de trabalho e não pensei duas vezes. Peguei o fichário que ficava no terceiro andar, fui até o último e tomei uma decisão arriscada. Taquei fogo em todo fichário e o cheiro da fumaça impregnou o setor, mas felizmente não fomos pegos e muito menos os estudantes.

7- Quais foram as maiores conquistas ao longo desses 60 anos de existência da entidade que você elencaria como mérito da luta e resistência do movimento?

Do ponto de vista salarial não tenho dúvidas que a conquista do PUCRECE em 1988 foi a nossa maior conquista, pois obtivemos a isonomia salarial entre os trabalhadores das universidades brasileiras. Antes disso, tinha muitos colegas que recebiam menos de um salário-mínimo. Outra conquista importante foi lutar por manter a universidade pública e gratuita.

8- Dessas conquistas, fruto da luta e resistência da organização dos trabalhadores, houve melhora salarial, e o que você observa que mudou na gestão da universidade?

Do ponto de vista salarial, as melhorias aconteceram com a isonomia salarial do PUCRECE e pelo fato do Governo Sarney ter gatilhos que permitiam aos nossos salários acompanhar um pouco da correção inflacionária. No PCCTAE o que houve de melhora foi a possibilidade de ganharmos incentivos por questão da escolaridade. Se olharmos a gestão da Prefeitura daquela época para os dias de hoje, veremos que são mudanças gritantes. Na época, nossa vigilância fazia ronda pelo Fundão montando a cavalo ou a pé mesmo. Nossa viatura disponível era um velho jipe e a capina era feita no braço com o facão, pois só tínhamos dois ou três micros tratores (tobatas). Em uma viagem do prefeito, houve uma fatalidade familiar, e me coube fazer a substituição do Prefeito por uma semana. As recomendações eram bem objetivas, “Arnaldo

“você pode fazer tudo a bem do serviço público da universidade, mas não poderia gastar dinheiro.” Eu pensei o que poderia fazer para mostrar serviço e resolvi encarar o desafio contra uma matéria no jornal que atacava a Prefeitura de incompetente, pois tinha ocorrido um crime de estupro seguido de morte naquele mato alto e isso facilitava ação de criminosos. Como naquela época tínhamos uma relação amigável e até quase familiar entre os colegas funcionários, chamei a turma para conversar e botei as cartas na mesa sobre a demanda de realizar um serviço emergencial. Só que a turma queria receber em hora extra, mas as recomendações eram outras. Então chegamos a um acordo de realização de tarefas e em troca a turma receberia dois dias de folgas e ainda ganhariam bicos de trabalho fora da universidade. A turma concordou porque naquela época recebia pela verba 3131 e muitas vezes atrasava o pagamento por meses e as folgas possibilitavam que o pessoal pudesse fazer outros trabalhos fora da universidade. Com esse trabalho realizado, o reitor chegou a me convocar para ir à Reitoria e me ofereceu o cargo de prefeito em definitivo, mas rejeitei afirmando que nunca foi minha intenção disputar a vaga. Queria apenas contribuir com meu trabalho, além do mais, sabendo que era um cargo muito visado e de interesse dos militares. Não ia me arriscar.

9- O que você destacaria de positivo e de negativo no trabalho das comissões de enquadramento em 1988 e 2005?

Em 1988 eu destacaria a loucura que houve na interpretação da Lei. Foi muita disputa interna na comissão para manter a seriedade do trabalho no enquadramento. Felizmente conseguimos realizar um bom trabalho em que pese alguns percalços. No enquadramento de 2005, eu destacaria o trabalho que realizamos para garantir que todos os colegas fizessem sua adesão ao PCCTAE. Além de possibilitar que um grupo de colegas que tinham realizado cursos de capacitação pelo antigo DASP em 1972, mas que não tinham certificados, conseguissem uma publicação de boletim para validar sua progressão. Tenho orgulho de ter ajudado muitos colegas com essa minha iniciativa. No entanto, a falta de condições de trabalho, já que era uma sala emprestada pela decania do Centro de Letras e Artes (CLA), bem como o fato de não termos montado um banco de dados com toda formação apresentada pela categoria, foi uma situação ruim para própria universidade. Perdemos a oportunidade de ter um banco de dados com todos os cursos de capacitação e/ou qualificação realizado pela categoria, já que a linha de trabalho

definida foi de registrar no sistema apenas o que possibilitaria progressão ou incentivo à qualificação.

10- E sobre a publicação da revista “projeto memória Uma narrativa de lutas, conquistas e resistência” o que gostaria de destacar ou criticar?

O grupo de voluntários para recuperação da memória de lutas da categoria não teve a pretensão de ser o finalizador do projeto, pois este está voltado para uma proposição de várias vertentes. Mas era importante dar os primeiros passos rumo à concretização do objetivo, que será criar o Departamento de Documentação e Memória Sindical do Sintufrj/Asufrj. Essa iniciativa não é para privilegiar nenhuma diretoria, mas as histórias da nossa categoria das quais todos são parte no fazer da nossa universidade e da nossa entidade sindical.